

PERCEPÇÕES DE CRIANÇAS E JOVENS DA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS SOBRE OS EXTREMOS CLIMÁTICOS NA AMAZÔNIA

ROSA, Marlise¹; REIS, João dos²; SOUZA, Guilherme Jardel de³; ANDERSON, Liana Oighenstein⁴

¹Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais (Cemaden), marlise.mrosa@gmail.com; ²Cemaden, joaodosreis89@gmail.com;

³Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa)/Cemaden, guilherme.bio94@gmail.com; ⁴Cemaden, liana.anderson@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência técnica diz respeito ao conjunto de atividades realizadas pelo projeto "Vozes em Recuperação" (autorização SISBIO: 87052), entre os dias 5 e 7 de dezembro de 2023, com crianças e jovens de 4 a 15 anos, nas escolas Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Polo Maguari), Santa Terezinha (Polo Piquiatuba) e Santa Filomena (Polo Prainha), situadas na Floresta Nacional (Flona) do Tapajós, município de Belterra (Pará).

Por meio da aplicação de diferentes metodologias participativas, buscamos compreender e capturar as percepções de crianças e jovens da Flona do Tapajós sobre os extremos climáticos na Amazônia, sobretudo a seca severa e as temperaturas elevadas associadas ao *El Niño* 2023/24, que aumentaram a flammabilidade da região, provocando queimadas e incêndios florestais.

MATERIAL E MÉTODOS

A partir de uma abordagem da antropologia da criança, entendendo-as como atores sociais que possuem papéis ativos na construção das relações sociais em que se engajam, realizamos a atividade de contação de história e elaboração de desenhos com as crianças da educação infantil (de 4 a 6 anos) na escola-polo Maguari. Com os estudantes do 1º e 2º ano do ensino fundamental I (de 7 e 8 anos), fizemos uma caminhada guiada pela praia, seguida pela representação gráfica e elaboração de uma história. Com os jovens do 8º e 9º ano (de 13 a 15 anos) dessa escola e do 6º ao 9º ano (de 11 a 15 anos) das escolas-polo Piquiatuba e Prainha, face à ocorrência de degradação ambiental e queimadas devido ao contexto recente de incêndios na região e no interior da Flona Tapajós, realizamos a atividade de elaboração da história em quadrinhos.

Adotamos o conceito de jovem, em vez de adolescente, por entendermos que, com base na Instrução Normativa (IN) nº 1/2016, da Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai), a noção de adolescência não satisfaz a pluralidade de arranjos socioculturais existentes entre os diferentes povos indígenas. Aqui, estendemos essa interpretação também às comunidades tradicionais, uma vez que, a acepção universal baseada em critérios etários não contempla outras experiências, valores e modos de socialização, sobretudo aqueles vigentes entre populações que vivem em situações socioeconômicas e culturais distintas e pertencem a grupos etnicamente diferenciados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as atividades de contação de história e elaboração de desenhos com as crianças de 4 a 6 anos, elas teceram comentários que sinalizavam tanto a sua percepção sobre os extremos climáticos, quanto o impacto deles sobre a vida de suas famílias. Uma menina de 5 anos, observou que "quando a floresta pega fogo, os animais morrem. Quando o rio seca, os peixes morrem". Outra, da mesma idade, comentou: "a bajara [canoa] do meu pai está atolada", chamando a atenção para a impossibilidade de pesca diante da seca severa, que, por sua vez, gera instabilidade econômica e insegurança alimentar. Um menino de 6 anos, em seu desenho, indicou a importância do turismo de base comunitária para a região, retratando as praias, trilhas na floresta e a presença dos "gringos" [turistas]. Gringo é a categoria de alteridade que estabelece a distinção entre quem é "de dentro" e quem é "de fora" da unidade de conservação. Tanto nas falas quanto nos desenhos, a importância simbólica da "vovózona", uma samaúma (*Ceiba pentandra* (L.) Gaertn.) milenar que leva muitos turistas à Flona, mostrou-se evidente.

Com crianças de 7 e 8 anos de idade, a atividade consistiu em andar pela praia em direção a um igarapé no sentido Maguari-São Domingos. Elas nos conduziram durante a caminhada, explicando aspectos relacionados à vegetação e à dinâmica das águas. Entre uma árvore e outra, mostravam as marcas das cheias sazonais do rio Tapajós. Também comentavam sobre as mudanças na paisagem decorrentes da severa seca. Durante o percurso, elas nos advertiram sobre a necessidade de cuidado com o cauxi, protestaram diante do lixo encontrado na praia, e nos levaram até um igarapé completamente seco. Ali, algumas crianças rememoram vivências em tempos de cheia, com banhos e pesca. Também recolheram diferentes tipos de sementes e folhas, explicando-nos sobre seus usos na confecção de artesanato.



Imagens 1, 2 e 3 - Representação gráfica, caminhada guiada e elaboração de história na Escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro (Polo Maguari) | Fotos: João dos Reis, 2023.

Os jovens, com idades de 11 a 15 anos, elaboraram o diálogo entre os personagens da história em quadrinhos "Amazônia: presente, passado e futuro", reproduzindo-o conforme a sequência das ilustrações. Para isso, foram convidados a serem os autores da história, construindo-a com base em seu entendimento, suas visões sobre o problema e sua criatividade. Eles podiam brincar com o tempo, pensando em cenários do presente, do passado ou do futuro, ou então explorar de outra forma a sequência apresentada.

Nosso objetivo era levá-los a refletir sobre as múltiplas ameaças socioambientais do fogo e da seca na Amazônia (como a que estavam vivenciando durante os últimos meses), mas, de uma maneira lúdica, pautada na expressividade artística e em suas experiências de vida. Em diversas histórias, nas três escolas-polo, as ilustrações que representam a presença de pesquisadores em campo receberam diálogos em que eles ora foram retratados com desconfiança sobre suas atividades, ora como pessoas que vieram ajudar, ora identificados como servidores do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). Em uma das ilustrações, na interpretação de muitos jovens há a identificação de roçado com coivaras [aceiros], demonstrando o entendimento de sua importância para evitar incêndios. Esses são alguns exemplos das visões e entendimentos locais sobre a problemática do fogo que integra não só os incêndios, mas também as secas e temperaturas elevadas, as perdas econômicas e de biodiversidade, entre outros impactos.



Imagens 4, 5 e 6 - Elaboração da história em quadrinhos "Amazônia: presente, passado e futuro" nas três escolas-polo | Fotos: Guilherme Jardel, 2023.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência com crianças demonstra que, apesar da pouca idade, elas dominam saberes específicos e fundamentais para a região, circulando de maneira autônoma por toda a área. Sabem que não podem encostar no cauxi, tampouco descuidar das arraiais que se escondem sob o lodo do rio. Sabem ainda que o rio seco afeta a pesca e que o fogo destrói a floresta e provoca a morte dos animais. Elas também têm noção da importância dos recursos naturais e vegetais, seja para a alimentação ou para a geração de renda. Isso mostra, portanto, que a infância enquanto um modo particular de pensar a criança é socialmente, culturalmente e historicamente situado.

O pertencimento étnico-racial e de classe conforma tipos distintos de infância, tratos diferenciados com crianças que, conseqüentemente, produzem crianças diferentes. Ou seja, a noção de infância, a despeito de sua pretensa universalidade, comporta sujeitos muito distintos, especialmente em países com índices de desigualdade social tão expressivos como o Brasil. A realidade de crianças racializadas pertencentes a comunidades tradicionais na Amazônia é diametralmente oposta daquela vivenciada por crianças brancas das classes média e alta, que, por sua vez, é infinitamente distinta da vida de crianças negras e pobres, que habitam as periferias das cidades brasileiras.

O reconhecimento da especificidade dos saberes das crianças que nascem e crescem no interior da Flona Tapajós só reforça a importância de que elas também sejam compreendidas como interlocutoras em potencial por aqueles que lá realizam seus estudos. Como preconiza a antropologia da infância, assim como crianças não sabem menos que adultos, crianças da Amazônia não sabem menos que crianças do Sul ou do Sudeste, mas sabem coisas diferentes.

Na experiência com jovens, do mesmo modo, a interação entre o lúdico e o técnico, mostra-se como uma outra forma de comunicar ciência, tornando-a atrativa e acessível a um público diverso em termos etários, escolares e socioculturais. Além disso, foi uma maneira de viabilizar a sua atuação pró-ativa enquanto autores, não apenas como interlocutores ou informantes dos pesquisadores, o que, por sua vez, tende a ser pouco comum devido ao entendimento de que diante da pouca idade, eles não saberiam coisas relevantes para as pesquisas. Com isso, pretendemos, ainda que simbolicamente, diminuir as assimetrias que atravessam a relação entre pesquisador e os sujeitos e grupos pesquisados.